

## **Futebol e política se discutem sim: a internet como espaço de ação do #NãoVaiTerCopa**

Juliana Laet<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir como a internet e os espaços urbanos em imbricação são constituídos como espaço público de ação política das mobilizações do #NãoVaiTerCopa. Além de gerar reflexões sobre o local de ação, busca também discutir o conteúdo dessa ação, mostrando de que forma o futebol extrapola o campo do entretenimento e da aventura e aparece, em diversos momentos da história do Brasil, como tema que resulta em ações na esfera pública. Com discussões baseadas em bibliografia sobre os temas e também em um filme e pesquisas na internet, o artigo caracteriza esses novos espaços públicos midiáticos e como neles ocorre a ação política.

97

**Palavras-chaves:** Ação política; Internet; Futebol; Espaço urbano.

**Abstract:** This article aims to discuss how internet and urban spaces together are constituted as public spaces of political action during the mobilization known as #NãoVaiTerCopa. In addition to these reflections about the places of action, it seeks also to discuss the content of the action, showing how football goes beyond the entertainment and adventure fields and appears, at different times in the history of Brazil, as a subject which results in actions in the public sphere. Based on discussions found in the bibliography about the subjects cited previously and also in a film and in internet researches, the article characterize these new media public spaces and how the political action occurs in them.

**Keywords:** Political action; Internet. Football; Espaço urbano.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP.

## Introdução

Existe um dito popular brasileiro que diz: “futebol, política e religião não se discutem”. Irônico que estes três pontos sejam assim relacionados justamente num ditado popular. Ditados populares são criados a partir de costumes e tradições de um povo, ou seja, com base em repetições que perpassam gerações. Possivelmente, a sabedoria popular chegou à conclusão de que futebol, política e religião não deveriam ser discutidos por conta dos resultados que conversas maçantes sobre estes temas geraram. Isto quer dizer que, futebol, política e religião se discutem sim, e muito. Neste texto, de caráter ensaístico, queremos desafiar o dito popular citado acima relacionando dois destes temas: futebol e política e acrescentando mais um tema; meios de comunicação.

A Copa do Mundo de 2014 se passou em um momento político importante para o Brasil, que desde meados do ano de 2013 encontra-se sacudido por uma série de protestos populares. As obras e ações governamentais para a viabilização do campeonato no país foram acompanhadas mais de perto pelos/as brasileiros/as que se manifestavam nas ruas e se organizavam em movimentos sociais e ações coletivas. Com a aproximação do evento e por conta de denúncias sobre desvio de dinheiro público, remoções em massa, repressão policial a manifestações populares, violação de direitos humanos, dentre outras questões, ativistas se organizaram em torno destes temas para protestar. Um movimento relacionado à Copa do Mundo, surgido nas ruas, fez-se muito presente na internet e ficou associado a uma *hashtag*<sup>2</sup> diversas vezes repetida nas redes sociais: #NãoVaiTerCopa.

Enquanto o futebol representa para os/as brasileiros/as uma saída da “realidade” e a vivência de um sonho, a política se apresenta como algo delicado que nos coloca de frente com os problemas que enfrentamos diariamente e que parecem sempre estar associados com a má conduta dos políticos brasileiros. No entanto, por mais que se localizem nestes dois campos que parecem distintos, tais temas se relacionam de diversas maneiras. Ao falar de futebol falamos de nós mesmos/as, já que este esporte é parte constituinte de nossa identidade

---

<sup>2</sup> *Hashtags* são comumente usadas nas redes sociais virtuais Twitter e Facebook para marcar alguma expressão que faça referência ao assunto tratado na publicação. São formadas com o sinal “#” seguido da expressão ou palavra que, juntos, transformam-se em links em que se relacionam todas as publicações que contém aquela *hashtag*.

de brasileiros/as (DAMATTA, 2006) e, assim, o relacionamos com nossa vida e com diversas esferas dela. É dessa maneira que o movimento político #NãoVaiTerCopa coloca novamente estes dois “times” em campo mostrando que futebol e política se discutem. Mas como e onde?

Neste texto, buscamos evidenciar alguns pontos de imbricação entre futebol e política ressaltando novos elementos desta associação quando o uso da internet entra em campo em ações coletivas e movimentos sociais. Discutimos como futebol e ação se relacionam resgatando algumas reflexões sobre a Copa de 70, momento-chave na política e no futebol brasileiros. Durante o governo do general Médici, este esporte foi utilizado pelo Estado a fim de criar uma imagem positiva do regime junto à sociedade, fato que gerou diversas reações de intelectuais de esquerda em torno do esporte, sendo que algumas dessas percepções permanecem até hoje. A Copa de 70 foi um marco importante para o futebol brasileiro que conquistou o tricampeonato mundial, feito que até então nenhuma seleção do mundo havia realizado. Além disso, este foi um período importante para a consolidação da presença do esporte na televisão, meio de comunicação de enorme alcance e o mais utilizado para obtenção de informação e para entretenimento no Brasil até hoje.

Sobre a Copa de 2014, procuramos pensar como futebol e política se relacionam na ação que se constrói e se revela em espaços públicos que se imbricam e se complementam: as redes virtuais e as ruas das cidades. Para isso, realizamos uma análise do movimento político “Se não tiver direitos, não vai ter Copa” surgido nas ruas, no contexto das Jornadas de Junho de 2013, e que problematiza questões sociais envolvidas na realização do evento futebolístico aqui no Brasil, tanto por meio de protestos na cidade, quanto através de manifestações em ambientes virtuais.

Desde o final da década de 1990, o uso da internet no Brasil cresceu e cresce rapidamente. As redes sociais têm inúmeros adeptos no país. A partir do final da primeira década dos anos 2000, a internet tem estado associada a diversas ações coletivas e movimentos sociais ocorridos aqui e no mundo. Desde o Movimento dos *Indignados* na Espanha aos movimentos *Ocupa ou Occupy* ocorridos em centenas de cidades no mundo, inclusive em algumas aqui no Brasil, vemos que a luta política ancorada na internet se faz cada vez mais presente (CASTELLS, 2013). Este meio de comunicação não é descolado dos

espaços urbanos da cidade, local primordial em que se formam movimentos sociais, mas se imbrica com ele e é sua extensão. Como coloca Scott McQuire (2008), o espaço urbano hoje é um espaço relacional em que a mídia também faz parte de sua arquitetura e nossa relação com ele se faz através e a partir dela.

Os efeitos dos protestos do ano de 2013 no Brasil, que também ocorreu neste ambiente midiático, ainda estão sendo sentidos por nós. A ação coletiva que iremos discutir neste texto surgiu no contexto das ruas e das redes pelas quais as Jornadas de Junho, uma das formas como ficaram conhecidas as manifestações daquele ano, caminharam. Diante disso, propomos uma discussão sobre como, neste cenário de intensa atividade política intensificada desde os protestos de junho de 2013, o futebol esteve associado à ação política e que sentidos a internet assume no contexto dessa ação.

## Histórico

Iniciamos este texto com uma discussão sobre o futebol no Brasil, seu histórico no país e de que maneira ele acabou por se tornar parte da identidade brasileira e de como esteve relacionado com a política no Brasil. Em seguida, recuperamos elementos do movimento #NãoVaiTerCopa com a intenção de buscar compreender o que ele foi, como surgiu e como nele se relacionam o futebol e ação. Traçamos paralelos entre o período atual e a Copa de 70 utilizando, além de textos bibliográficos, uma obra fílmica que trabalha com os pontos que queremos relacionar aqui de maneira bastante interessante. O período de 70 é particularmente conveniente para esta análise na medida em que ali estão presentes relações entre o governo militar e o campeonato de futebol, bem como a utilização intensa de um meio de comunicação, a televisão.

O árbitro apita pela primeira vez no Brasil no final do século XIX, quando o futebol é trazido da Inglaterra para cá. Desde então, muitas bolas têm rolado em nossos campos, em nossas várzeas, em nossas quadras. Com o tempo, o nosso velho costume antropofágico, sobre o qual se manifesta Oswald de Andrade (1976), fez dele algo nosso e nos tornamos os melhores do mundo com cinco títulos mundiais ganhos<sup>3</sup>. E assim o futebol se estabeleceu como

---

<sup>3</sup> É bom ressaltar que este título de “melhor do mundo” sofreu sete fortes abalos no jogo contra a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, jogo que queremos esquecer e, se possível, riscar da nossa história.

um elemento importante presente em nossa identidade de brasileiros/as, não só para nós internamente, mas também para o mundo.

Neste contexto de amor ao futebol que nos é muito comum, a Copa do Mundo é, obviamente, um evento ansiosamente aguardado. Durante o período em que ela ocorre, nenhuma atividade é tão importante que não possa esperar o jogo do Brasil terminar. Este é o momento em que deixamos de lado, sem culpa, as preocupações diárias e nos juntamos para ver a seleção jogar. Como ressalta DaMatta (2006), a simbologia do futebol para nós é muito forte. É ele que nos tira momentaneamente das confusões e problemas diários. Não significa que tudo se resolve, mas a vida cotidiana com todas as suas dificuldades pode esperar passar aquele momento. Para DaMatta (idem), a vitória em campo dos jogadores pode vir a ser uma motivação para a vitória pessoal, para a superação dos obstáculos do cotidiano.

No Brasil, este esporte permeia nossa vida diária. São diversos campeonatos que acompanhamos, inúmeras discussões em mesas de bar, programas de televisão voltados somente para este tema, piadas, conversas que fazem referência constante ao futebol. Torcer por um time é como fazer parte de uma nação em que os jogadores são os grandes heróis. A Copa do Mundo, então, se desenha como um momento especial para todos/as os/as amantes do futebol. O país para a fim de acompanhar os jogos, as ruas são pintadas de verde e amarelo, são montadas estruturas específicas para a Copa, são criados novos ambientes de sociabilidade para que as pessoas possam torcer juntas, e acabamos revelando “nisso tudo uma notável capacidade organizadora e um desejo descomunal de transformar o espaço coletivo” (idem, p. 93), de torná-lo nosso.

A Copa do Mundo é para nós como uma emocionante aventura. E aqui nos referimos à aventura nos termos de Georg Simmel (2011)<sup>4</sup>. A aventura é algo que ocorre em nossa vida e que está ligada ao seu centro, mas extrapola seu contexto. É um todo em si mesma, com início, meio e fim. Isto quer dizer que por mais que ocorra na vida, a aventura é como uma ilha nela, algo que paira sobre ela. É aquela experiência que vivenciamos em momentos específicos da vida e que fica em nossa memória como uma lembrança longínqua, como que

---

<sup>4</sup> Texto publicado originalmente em SIMMEL, Georg. A aventura. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (org.). Simmel e a modernidade. Brasília: UnB. 1998. p. 171-187.

em sonho. Ela faz parte da nossa vida, mas é como se a vivêssemos descolada dela, um parêntese no roteiro principal da vida. A Copa do Mundo é para nós esta aventura. Como DaMatta coloca, o campo de futebol é um “lugar onde a vida se reproduz de modo controlado, demarcadamente, com um início, um meio e um fim, o que promove um confortável e apaziguador contraste com o mundo real.” (2006, p. 15) Os rituais de preparação para os jogos expressam a fantasia do momento, “o enfeite que faz com que se tenha consciência de viver o momento fora do normal: o ‘extra-ordinário’ que divide o dia-a-dia sem sal e o grande momento que faz toda diferença” (idem, pp. 91-92).

Neste ponto, resgatamos uma obra da filmografia brasileira que relaciona de maneira interessante o futebol – a fantasia - e a política – o “real” – e traz um recorte de um momento histórico que relaciona os três pontos que trazemos para esta discussão: o futebol, a política e os meios de comunicação. O filme “O ano em que meus pais saíram de férias”, dirigido por Cao Hamburger (2006), mostra-nos um trecho da vida de um garoto chamado Mauro, que viveu a Copa de 70. O formato do filme relaciona realidade e sonho de maneira bastante pertinente ao narrar a experiência de Mauro, amante do futebol, com a Copa do Mundo de 70, a primeira a ser transmitida ao vivo pela televisão, que se passa num contexto de forte repressão perpetrada pelos militares durante o período ditatorial brasileiro.

No início do filme, Mauro é trazido de Belo Horizonte para São Paulo pelos pais para passar um tempo com o avô. O pai, ao deixar o garoto em frente ao prédio em que mora o avô, diz-lhe que eles vão sair de férias e que voltam para ver a Copa com ele. Como a história é contada pela perspectiva do menino, que não entende bem o que está ocorrendo, o/a espectador/a vai deduzindo com o passar do tempo o que realmente se passou com os pais dele. Ambos são militantes de esquerda e estão sendo perseguidos pela polícia. Por conta disso, precisam fugir, mas não é seguro levar Mauro com eles. Assim, resolvem deixá-lo com o avô até que a situação se resolva.

Em 1970, vivia-se no Brasil a ditadura militar sob o comando do general Emílio Garrastazu Médici, presidente linha-dura, que assumira o mandato no ano anterior. Seu governo foi considerado o mais repressivo de todos durante os anos ditatoriais. O período ficou conhecido como os “anos de chumbo” com recrudescimento da repressão e políticas de censura sendo levadas a cabo

de maneira violenta. Qualquer manifestação política era perigosa, ponto que o longa-metragem deixa claro.

No filme temos dois cenários desenhados com maestria por seus realizadores: em primeiro plano, a história de Mauro, seu relacionamento com os moradores do bairro, seu amor pelo futebol e a ansiedade de que a Copa chegue logo para que ele reveja seus pais e para que se divirta. O diretor deixa em evidência o entusiasmo das personagens com o evento sendo transmitido ao vivo na TV pela primeira vez, as pessoas se reunindo para assistirem aos jogos, mas ficam manifestos também os conflitos políticos que parecem, à primeira vista, serem apenas o pano de fundo da história principal, mas que, na verdade, fazem o contraponto de realidade em relação ao clima de sonho que se estabelece durante a Copa do Mundo na vida das personagens.

No contexto de 70 retratado no filme, o futebol fica localizado no campo da aventura, mas acaba por estar relacionado com a vivência política das personagens. Como ressalta Lívia Magalhães (2012), este “evento representa um momento de intensa manifestação de [...] identidades, e também um espaço de tensões políticas” (p. 235), e, à época, apoiar ou não a Copa poderia significar apoiar ou não o governo, mas também poderia significar a possibilidade de denunciar o autoritarismo e a repressão. Este campeonato específico se localiza num momento político brasileiro em que se percebe uma tentativa do regime militar de se associar à seleção buscando construir uma imagem positiva do governo a fim de instigar o patriotismo na população. O mote era: “Brasil: ame-o ou deixe-o”<sup>5</sup>. Segundo Lívia Magalhães,

durante o evento o presidente [Emílio Garrastazu Médici] fez o possível para associar a imagem da seleção à do regime e à sua própria. Médici apareceu na televisão fazendo embaixadinhas, ligou e mandou telegramas para a delegação, e no dia da conquista abriu as portas da residência presidencial para comemorar com a população. (MAGALHÃES, 2012, p. 238)

A intenção do governo com estas ações era demonstrar que o sucesso da seleção no campeonato ia muito além do esporte e estava ligado à boa governança do país pelos militares. Assim, “o discurso futebolístico associado à nação foi

---

<sup>5</sup> Segundo Guterman (2006) o slogan foi criado por um grupo de empresários paulistas e não pelo governo, mas acabou ganhando repercussão nacional e sendo associada à Agência Especial de Relações Públicas (AERP), agência criada após um “intenso debate, dentro do governo, sobre a necessidade de disseminar uma imagem positiva do regime militar.” (p. 114)

então fundamental na retórica presidencial, que tinha como objetivo principal associar a vitória na competição com seu governo e modelo de sociedade.” (ibidem)

A televisão, desde a década de 70, em muito cooperou para a construção dessa imagem. Como mencionado, o campeonato de 1970 foi o primeiro a ser transmitido ao vivo através deste meio de comunicação aqui no Brasil. Antes disso, as pessoas ouviam a partida pelo rádio e tentavam imaginar, a partir do que falava o locutor, o que estava acontecendo em campo. Neste período, reinava nos meios de comunicação um clima pessimista em relação à seleção brasileira, ainda que o time fosse um dos favoritos ao título. No filme de Cao Hamburger (2006) é possível captar um pouco dessa falta de fé dos meios de comunicação na seleção, apesar de Mauro e seu pai sempre se manterem crentes no sucesso do Brasil na Copa. O diretor também dá certa ênfase a este momento importante da transmissão do futebol com várias cenas das pessoas carregando as televisões e convidando umas às outras para assistirem aos jogos juntas, no bar, em casa ou na faculdade.

Essa associação entre o governo e a seleção brasileira de futebol, reforçada pela propaganda política feita na televisão, foi um dos motivos que levou a esquerda a rejeitar o esporte. Em 1970, torcer pelo Brasil ficou associado a ser cúmplice do controle do Estado e comemorar a vitória era como apoiar o regime. Essa visão, no entanto, ignora as complexidades envolvidas no esporte. Além disso, tira a agência e trata as pessoas como não-pensantes, na medida em que considera que elas não conseguem enxergar uma possível manipulação e não lhes dá a possibilidade de poder escolher gostar de futebol e, mesmo assim, pensar. Guterman, resgatando Arno Vogel, sinaliza que, por mais que a esquerda quisesse manter essa posição, quando a seleção se mostrava bem sucedida, “todos viravam torcedores fanáticos” (VOGEL apud GUTERMAN, 2006, p. 48).

Um trecho do filme de Cao Hamburger representa de maneira cômica esta imagem. A estreia do Brasil na Copa de 1970 seria contra a Tchecoslováquia, país pertencente ao bloco socialista na Guerra Fria. Ítalo, personagem do filme que era amigo dos pais de Mauro e comunista, antes do jogo, declara: “Se a Tchecoslováquia vencer, é uma vitória do socialismo!” Seus amigos consentem e o jogo começa. O primeiro gol da partida é deste time e o grupo comemora



de maneira tímida. O Brasil, porém, marca quatro gols em cima do adversário e todos vibram exaltados a cada bola na rede.

Mas seria a reação política à Copa tão avessa à magia do futebol? Se a interpretação de que o amor de brasileiros/as pelo futebol é um amor acrílico e que o esporte é utilizado aqui como o “ópio do povo”, DaMatta (2006) argumenta que esta paixão, na verdade, muito nos ensina sobre política e sobre nós mesmos/as. Como Simmel coloca, a aventura é parte de nossa vida por mais que paire sobre ela. Somos nós que a vivemos e a vivemos com tudo o que somos. Quando temos a experiência da aventura futebolística da Copa do Mundo, por mais que temporariamente, durante os jogos, deixemos de nos preocupar com outras coisas, a vida continua correndo. Assim, se, no contexto de 70, futebol e política já se entrelaçam, em 2014, ambos são novamente justapostos e se expressam fortemente no grito político do “Não vai ter Copa”. Mas como este grito surgiu, como foi construído e contra que Copa exatamente ele se colocava?

### **Junho de 2013**

Voltemos a junho de 2013 quando milhares de pessoas tomaram as ruas de diversas cidades do Brasil. A massificação dos protestos, que foram iniciados pelo Movimento Passe Livre por conta do aumento da passagem do transporte coletivo, ocorreu após violenta repressão policial a manifestantes em São Paulo. Houve, após este episódio, uma reação nacional à tentativa do governo de impedir a ação política, que foi proibida no Brasil por mais de vinte anos. Mesmo após a revogação do aumento das passagens, porém, muitos/as ativistas não voltaram às suas casas, mas continuaram nas ruas com diferentes bandeiras políticas.

Com a aproximação do campeonato mundial de futebol, ficaram ainda mais visíveis as insatisfações de parte da população e problemas relacionados à realização da Copa do Mundo no Brasil. Algumas pessoas e grupos passaram se reunir em torno de temas ligados ao evento e no dia 10 de dezembro de 2013, Dia Internacional dos Direitos Humanos, foi lançado um Manifesto na internet com a frase “Se não tiver direitos, não vai ter Copa”. Diversos movimentos sociais assinaram o manifesto: o Movimento Passe Livre, o Fórum Popular de Saúde do Estado de São Paulo, Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais, Periferia Ativa e o Comitê Contra o Genocídio da População Preta (BARROS, 2014).

A reunião de vários movimentos sociais bem diferentes entre si nos diz muito sobre a forma das ações coletivas contemporâneas nas quais se vê, além da formação plural já mencionada, organização coletiva, ausência de líderes, utilização da internet como meio de discussão, divulgação e ação. Como menciona Castells (2013), esse formato é global e se estabelece em redes que se formam :

dentro do movimento, com outros movimentos [...], com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias que possibilitam a constituição de redes são significativas por fornecer a plataforma para essa prática continuada e que tende a se expandir, evoluindo com a mudança de formato do movimento. (p. 160)

Assim, o texto do manifesto aponta para os grandes gastos com a construção das obras para realização do mundial e a falta de investimento na consolidação de “direitos sociais (saúde, educação, transporte e tantos outros)” (SE NÃO TIVER DIREITOS NÃO VAI TER COPA. Manifesto, 2013). E aponta para a intenção do movimento de “barrar a copa” (idem). Pouco mais de um mês depois do lançamento do manifesto, o grupo fez a chamada para o primeiro ato “Se não tiver direitos, não vai ter Copa”, que ocorreu dia 25 de janeiro na cidade de São Paulo.

O movimento foi crescendo, o número de participantes dos atos na rua e nas discussões sobre o “Não vai ter Copa” aumentou. Outros movimentos sociais e partidos políticos juntaram-se a ele e grupos de ciberativistas já mais conhecidos na rede como o *Anonymous* também apareceu para apoiar os atos. A ação ganhou mais espaço nas redes sociais *Facebook* e *Twitter* e diversos atos foram organizados em outras cidades além de São Paulo. O grito “Não vai ter Copa” começou a tomar contornos diversos, difícil de ser sintetizado no objetivo de “barrar a Copa”. Houve uma reação, também na internet, contra as manifestações anticopa e surgiu uma nova *hashtag*: #vaitercopa que, segundo Barros (2014), foi criada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em sua página oficial no *Facebook*.

Vamos imaginar o seguinte cenário: entram em campo dois times - #nãovaitercopa e o #vaitercopa. Apita o árbitro e a bola começa a rolar em forma de palavras de ordem e discursos políticos diversos. Mas torcer por cada um destes times tem inúmeros sentidos. Não é somente ser a favor de que se

realizem os jogos da Copa ou ser contra a realização dos jogos. Pode significar: ser a favor do PT – partido político da presidenta Dilma Rousseff – ser contra o PT. Dentre várias possibilidades, a que mais parecia se aproximar do sentido mais geral do #nãovaitercopa era: a Copa vai acontecer, mas o alto preço pago pela população para que ela se torne viável, ficará explícito e nós estamos aqui para expô-lo. Estas duas eram as *hashtags* mais citadas nas redes, mas estavam relacionadas a diversas outras que expressavam demandas dos participantes das redes sociais. Lorena Lucas (2014) faz uma análise de *hashtags* no *Twitter* e demonstra que os conflitos são bastante complexos e os sentidos que cada usuário dá a sua *tag* são múltiplos.

Se no início, para quem criou o movimento, a luta foi construída em torno de bandeiras caras e clássicas à esquerda no Brasil, como saúde, educação, transporte, moradia (BARROS, 2014), dizer que não haveria Copa do Mundo logo no país do futebol passou a ser uma tentativa de ressignificar o futebol e a própria Copa do Mundo. É neste sentido que Ivana Bentes (2014) afirma que o “Não vai ter Copa” se tornou uma expressão de ordem de parte da população que estava nas redes e nas ruas para denunciar a violação de diversos direitos sociais em prol da realização do evento, para afirmar que haveria Copa sim, mas não a Copa ufanista que sempre apareceu como “momento máximo de expressão do nacionalismo através deste esporte [...] quando as nações são ratificadas em cada seleção.” (MAGALHÃES, 2012, p. 235).

Assim, a revolta não era necessariamente contra o futebol, embora houvesse pessoas avessas ao esporte também inseridas neste meio. Mas muitos/as continuaram torcendo, assistindo aos jogos em suas casas, nos bares. Vibrando com as vitórias, chorando e rindo das derrotas. Algumas pessoas tiveram o dinheiro para pagar os caros ingressos da Copa do Mundo e foram até os estádios vaiar a seleção ou mesmo torcer por ela. A internet foi um vasto campo das manifestações de amor, de ódio e também de inúmeras piadas. A troça sempre fez parte da nossa vivência futebolística e não ficaria por menos diante da pobre atuação da seleção na Copa de 2014. A internet, junto com as ruas, foi o ambiente em que as pessoas expuseram sua insatisfação com o futebol elitizado da Copa do Mundo “padrão FIFA”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> É interessante notar esta resignificação dos termos associados ao evento esportivo que foram surgindo nas conversas e discussões sobre a Copa. O dizer “Não vai ter Copa” poderia ser uti-

Esta ação coletiva, além de ser composta por movimentos sociais já mais organizados, foi também formada por pessoas independentes que, de alguma maneira a eles se aliaram através da utilização de uma *hashtag* na internet, para mostrar que estavam insatisfeitas. Este meio de comunicação, neste sentido, é utilizado como um espaço em que estas narrativas distintas são colocadas, em que as pessoas contam suas histórias que passam a ser de todos que ali estão agindo e discursando (ARENDRT, 2011). Como diz Melucci (1997) “movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.” (p. 13).

Recorremos à Hannah Arendt e seu conceito de ação (2011). A ação ocorre no espaço público em que a liberdade é indispensável para sua efetivação. Este espaço é constituído *na ação*. Quando as pessoas se juntam com a intenção de agir e discursar e assim o fazem, ali se estabelece o espaço público. Dessa forma, quando constituímos o espaço público vamos moldando o que Arendt (2011) chama de teias de relações. As narrativas expostas se entrelaçam formando teias de relações humanas. Neste sentido, tomo a internet como um espaço construído na ação política através da ação das pessoas, espaço em que estas teias se expandem.

Essa ideia conversa com o conceito de esfera pública habermasiano em alguns aspectos. Sem entrar na discussão sobre a qualidade da racionalidade do debate político que se estabelece nas manifestações virtuais ligadas ao #NãoVaiTerCopa, tomo de Habermas (2003) a discussão sobre mediação na esfera pública. Para o autor, os meios de comunicação têm um importante papel na constituição dessa esfera. No século XVIII, a imprensa, os livros e os periódicos, fizeram com que as pessoas que se reuniam em público passassem a adquirir o hábito da leitura e da comunicação mediada, através da qual discutiam

---

lizado em situações comuns do dia a dia como, por exemplo, num churrasco em que as pessoas esquecem de comprar carvão e, assim, fica impossível fazer de fato o churrasco. Alguém então diz: “É, não vai ter Copa!” A expressão “padrão FIFA” também teve essa repercussão. O padrão de qualidade exigido pela FIFA, realizadora do evento no Brasil, era altíssimo e de elevado custo financeiro sendo realizado para servir as elites somente, já que a população mais pobre não poderia comparecer aos jogos devido ao alto custo dos ingressos. Durante os atos do #NãoVaiTerCopa, alguns/algumas ativistas escreveram faixas como “Queremos hospitais padrão FIFA”. Dizer que algo era “padrão FIFA” passou a significar que era de alta qualidade e elitizado.

sobre si mesmas, ou seja, sobre o público, buscando autoconhecimento e autocompreensão. Assim, nessa prática, a mídia se torna o instrumento de expressão do “sujeito discursivo engajado em práticas políticas” (CARPIGNANO, 1999, p. 180 – tradução própria)<sup>7</sup>. Se o futebol é tão parte de nós a ponto de compor nossa identidade, o #NãoVaiTerCopa e outras discussões políticas a respeito do futebol já mencionadas, como aconteceu em 70, identifica este ponto e o traz à esfera pública para ser discutido.

Temos, no caso estudado, um duplo papel da internet. Ela aparece tanto como o meio que irá informar os/as agentes sobre si mesmos para que possam discutir na esfera pública como também se constitui enquanto o próprio local de ação, ou seja, como *uma* esfera pública ou *várias* esferas públicas. Coloco *uma* ou *várias* esferas públicas, pois considero, com base em Fraser (1990), que existem múltiplas esferas públicas com públicos diversos que debatem e deliberam.

Ressaltamos que este espaço público se constitui em relação com os espaços urbanos, local primordial das lutas políticas contemporâneas. Esse ato de tomar posse das ruas se manifesta constantemente durante as Copas do Mundo. Como escreve DaMatta (2006), durante o evento, enfeitamos as ruas e “transformamos cada pedaço impessoal de uma cidade que não governamos e com a qual geralmente temos um laço de desconfiança e até mesmo de profunda indiferença” (p. 92). As intenções das transformações na Copa e durante os atos são distintas, é claro, mas observa-se uma dinâmica semelhante de ocupação do espaço público urbano. O espaço físico das ruas é transformado durante a Copa através da decoração, as pessoas saem às ruas para comemorar, sociabilizar e também para agir politicamente. As ações coletivas contemporâneas, portanto, mantêm esta característica mais clássica de se mostrar no espaço urbano e ocupá-lo, tomando posse dele, e incorporam, nesta dinâmica, o espaço dos fluxos (CASTELLS, 2013) da internet ou o ritmo dos fluxos (MCQUIRE, 2008).

Como mencionado, estes não são espaços distintos, mas se imbricam constantemente e constituem o que McQuire (2008) chama de espaço relacional. Este espaço abre possibilidades de experiências que não estão restritas à sua ocorrência no espaço físico, mas são também vividas em espaços midiáticos como espaços conjuntos. Através das tecnologias de comunicação estamos

---

<sup>7</sup> Tradução minha para: “[...] the discursive subject engaged in political practices [...]”.

constituindo estes espaços e nossas relações com ele, conosco mesmos/as e com as pessoas que ali estão presentes (HANDLYKKEN, 2011). Os meios nos colocam em contato com espaços que podemos reconstituir através deles. Vistos dessa maneira, aparecem como forma material de perceber a realidade, de defini-la, de pensá-la (CARPIGNANO, 1999), como extensão da pessoa, nos termos de McLuhan (2011).

Tem-se, portanto, uma relação complexa entre as pessoas e os meios de comunicação. Se, no período utilizado aqui como comparação com o período atual, os anos 70, a televisão e o rádio eram os meios de comunicação que informavam as pessoas sobre o futebol e sobre o governo, a comunicação de massa tinha uma direção: um para muitos. Esse que comunica sendo detentor do poder e da capacidade de comunicar para multidões. A internet abre outras possibilidades, muito embora as redes de poder ainda se instalem neste meio (CASTELLS, 2009). A televisão permanece como o meio de comunicação por meio do qual iremos assistir à Copa do Mundo, mas não é o meio no qual iremos nos posicionar politicamente sobre ela. Daí existe a rua e daí existiu a internet.

Durante as partidas de futebol, as participações dos telespectadores se limitam ao envio de perguntas que são escolhidas por uma equipe do canal de TV para serem repassadas aos comentaristas. Nos jogos da Copa de 2014, a internet não parava, as pessoas participavam cada uma a sua maneira: fazendo comentários sobre os jogos, postando críticas sobre eles ligadas também aos debates políticos sobre a Copa. Além disso, a rua também estava ocupada pela ação de manifestantes.

### Algumas reflexões

Caminhando para o final dessas reflexões, refaçamos brevemente nosso percurso. Neste texto, procurei relacionar futebol e ação política com ênfase nos espaços em que esta ação ocorreu durante a Copa de 2014 no Brasil. Tomando como referência a ação coletiva que ficou conhecida pela frase “Se não tiver direitos, não vai ter Copa” e também pela *hashtag* #NãoVaiTerCopa, discuti de que maneira este movimento utilizou o futebol e o campeonato mundial do esporte para agir na esfera pública colocando em evidência questões sociais e políticas. Procuramos demonstrar também como a internet foi constituída enquanto espaço público para a ação. Para isto, busquei fazer um paralelo entre o campeonato de 2014 e a Copa de 70, levando em conta a relevância que tem este período na história e na literatura brasileiras que ressaltam o uso do esporte pelo governo de Médici para sua autopromoção.

Assim, o movimento #NãoVaiTerCopa se inclui neste contexto híbrido em diversos sentidos. Ao relacionar dois fatores que parecem estar em planos distintos: o campo do entretenimento e o campo da política, isto é, o futebol e a ação política. E também, ao explorar estes novos locais de luta social em imbricação com os espaços mais clássicos e caros aos movimentos sociais, ou seja, relaciona e entrelaça os espaços urbanos, a rua, com os espaços virtuais, que também são espaços urbanos.

O crescimento da presença da internet em ações coletivas e movimentos sociais e a incorporação de novos temas à agenda política dos/das jovens coloca alguns desafios tanto para quem quer compreender quais os sentidos que este meio de comunicação toma nestes contextos como também para quem quer construir os movimentos. Se por um lado, o formato da rede virtual em muito se assemelha com a forma das teias de relações humanas de que fala Arendt (2011), esta descentralização e os novos elementos políticos trazidos por estes movimentos acaba provocando e possibilitando mudanças nas formas de ações coletivas e movimentos sociais com as quais ainda estamos tentando lidar.

## Referências

ANDRADE, O. de. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso 25 jul. 2014.

ARENDT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BARROS, C. Quem grita ‘Não vai ter Copa?’ **Agência Pública**: Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo. Copa Pública. Disponível em: <<http://apublica.org/2014/02/quem-grita-nao-vai-ter-copa/>>. Acesso em 26 jul. 2014.

BENTES, I. O capital teme perder o controle da narrativa. **Facebook**, atualização de status. Rio de Janeiro, 8 jan. 2014. Disponível em: < <https://www.facebook.com/ivana.bentes/posts/689474567752583>>. Acesso em 26 jul. 2014.

CARPIGNANO, P. The Shape of the Sphere: The Public Sphere and the Materiality of Communication. **Constellations**, vol. 6, n. 2, 1999. pp. 177-189.

CASTELLS, M. **Communication Power**. New York: Oxford University Press Inc., 2009.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. 1. ed. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FRASER, N. Rethinking Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. **Social Text**, Durham, 1990. p. 56-80. Disponível em:< <http://www.jstor.org/stable/466240>>. Acesso em 05 fev. 2013.

GUTERMAN, M. **O Futebol Explica o Brasil**: o Caso da Copa de 70. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2006.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HANDLYKKEN, A. K. Digital Cities in the making: exploring perceptions of space, agency of actors and heterotopia. **Ciberlegenda**, n. 25, 2011. pp. 22-37. Disponível em:< <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/492/287>>. Acesso em 05 mar. 2014.

HAMBURGER, C. **O ano em que meus pais saíram de férias**. [Filme-vídeo]. Produção de Globo Filmes, Lereby Produções, Gullane Filmes, direção de Cao Hamburger. São Paulo, 2006. 103 min. Color.



LUCAS, L. Perspectivas na rede #NãoVaiTerCopa. **Labcic**, jun. 2014. Disponível em: < <http://www.labcic.net/sem-categoria/perspectivas-na-rede-naovaitercopa/>>. Acesso em 26 jul. 2014.

MAGALHÃES, L. G. **Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. PolHis Boletín Bibliográfico Electrónico del Programa Buenos Aires de História Política**, Buenos Aires, Ano 5, N. 9, 2012. 232-242. Disponível em:< [http://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9\\_MAGALHAES.pdf](http://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9_MAGALHAES.pdf)>. Acesso em 29 jul. 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

MCQUIRE, S. **The media city: media, architecture and urban space**. Melbourne: SAGE Publications, 2008.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, n. 05-06, dez. 1997. Disponível em:< [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 jul. 2014.

SE NÃO TIVER DIREITOS NÃO VAI TER COPA. Manifesto. Disponível em: < <http://greveusb.blogspot.com.br/2013/12/manifesto-se-nao-tiver-direitos-nao-vai.html>>. Acesso em 25 jul 2014.

SIMMEL, G. A aventura. In: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (orgs.). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: UnB, 1998. p. 171-187.